

Nossos pais

Era um *gentleman*. Morreu no mesmo dia em que a cidade em que viveu grande parte de sua vida faz aniversário. Isto não é causal. Ele não era gente do tipo que morre durante um dia de semana, comum, destes em que as pessoas vão e vêm, conduzidas pelo seu cotidiano de afazeres e nem sempre têm tempo para o velório, para abraçar a família, para acompanhar o féretro...

Ele merecia morrer num dia em que o tempo é mais lento, num dia em que passam menos carros pelas ruas, em que as pessoas podem ficar na calçada, em frente ao velório, lembrando dele...

É provável que tenha enviado subconscientemente esta mensagem para o seu corpo, para o seu coração: "Chegou meu dia". Pode ser que não tenha tido coragem de remetê-la e a sorte o ajudou com este acaso.

Foi uma pessoa importante? Foi notável? Sim e não. As referências a ele no jornal O Imparcial, diziam respeito ao seu aniversário, ao casamento de um dos filhos, à sua participação no Rotary Club. Eram notinhas na coluna social do Barbosa da Silveira, ou num canto de alguma matéria sobre as efemérides da cidade. Elas mostram um traço dele muito forte - gostava da vida social, pois era um homem, cuja história centrada no trabalho e na família, não se traduzia num fechamento, mas na abertura para viver o seu tempo e o seu grupo. Não era um notável, mas, ao seu modo, foi notável, pela sociabilidade, pela vontade de participar da vida e de vivê-la.

Tinha pequena estatura, andava sempre com a camisa alinhada com o colarinho bem posicionado, mantinha as calças na cintura e não abaixo dela, nem que fosse preciso usar elegantes suspensórios, porque, suponho, não se permitiria o desleixo de abraçar a postura de que "velho tem direito de andar como quiser".

Nos churrascos na casa da filha, chegava, cumprimentando a todos, não por formalidade, mas para encetar um começo de conversa. Olhava no rosto da gente, perguntava alguma coisa, seduzia para depois continuar a ter a atenção e para ele próprio ter a chance de prosseguir nos dando atenção... Não se contentava em permanecer na mesa em que estavam os da geração de seus filhos, dava escapadas para o outro lado da varanda, na busca de saber o que seus netos e amigos estavam conversando. Se tinha 80, não aceitava a posição de que não havia o que conversar com quem tinha 20. Tinha certa inquietude positiva diante do novo, ainda que muitos de seus gestos, idéias e atitudes fossem mais continuidade e remetessem, de modo mais freqüente, à tradição.

Adorava os bailes da APEA e do Tênis Clube, para os quais se preparava com antecedência, escolhendo estrategicamente a mesa, reservando lugares para filhos, genros e nora, garantindo, sempre, a boa posição para estar e ver.

No carnaval do Tênis, quando esta novidade chegou, optou pela compra de camarote para assistir o baile de Carnaval de cima, junto com os seus. Nunca sentado, sempre olhando os que dançavam, cumprimentando as pessoas, fazendo as pontes que tanto gostava entre o mundo da família e o do grupo de amigos, alguns apenas conhecidos. “Se você fosse sincera, ôôô, Aurora, veja só que bom que era, ôôô, Aurora”. Imagino que ficava contente de constatar como era possível cantar as mesmas marchinhas desde a sua juventude.

Não era à toa que ia aos bailes, gostava de dançar, afinal este era outro ato de sociabilidade, ainda que a *partner* principal fosse sua esposa. No segundo casamento de sua filha mais nova, tomou a dama do dia para umas voltas e mostrou que, mesmo com mais de 90 anos, sabia muito bem qual o papel de um verdadeiro cavalheiro.

Dirigiu seu automóvel, enquanto ainda pôde e mesmo quando já não era mais tão seguro. Dirigiu a família, que incluía as irmãs solteiras, como pensava (e tinha certeza) que deveria fazer um homem que, cedo, perdeu o pai e assumiu o papel de chefe.

Fazia aniversário no dia 15 de outubro e gostava de festejar esta data. Nos natalícios mais importantes - 80, 90 anos - comemorou em alto estilo, com tudo detalhadamente planejado por sua filha mais velha, mas não sem ele opinar sobre todos os aspectos.

Curtiu o nascimento dos netos, as formaturas, os casamentos deles. Não sabemos bem se, agora, sabia o número de bisnetos que tinha, porque, afinal, não conhecemos nós, que ainda não chegamos lá, como se dá esta passagem. Não temos certeza se o olvidamos ou como rememoramos o mundo, nem como fazemos isso, quando entramos neste estado de preparação para não estarmos mais aqui, biologicamente, socialmente...

Faria em breve 97 anos, apenas dois a menos que a cidade onde construiu ‘seu mundo’. Um mundinho, diante da grandeza do mundão; um mundão, diante da sua vontade de vida.

Todas as vezes que o encontrava, sentia-me bem, sensibilizava-me, porque ele lembrava meu próprio pai: na estatura, no desejo de estar sempre elegante, na vontade de conversar. Como o meu morreu aos 62 anos, precocemente para o desejo que tinha de viver, de certo modo, a longevidade deste senhor foi para mim um presente, uma oportunidade de imaginar como teria sido, se o meu pudesse estar mais tempo conosco. Ele me deu a chance de rememorar as idades que meu pai não chegou a ter e o agradeço por isso.

Estou longe de Presidente Prudente, hoje. Não irei ao seu velório, não acompanharei seu féretro, não cumprimentarei sua família, mas escrevo este texto, para registrar que, de certo modo, ao me lembrar dele, eu poderia falar aos seus filhos, ao abraçá-los neste dia: “Como eram parecidos nossos pais”.

14 de setembro de 2016

Carminha Beltrão